



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração de unidades habitacionais do Programa Minha
Casa, Minha Vida no Residencial Casas do Parque**

Campinas-SP, 18 de setembro de 2010

Bem, primeiro dizer a todos vocês, companheiros e companheiras, da minha alegria de estar mais uma vez em Campinas, com meu companheiro e amigo prefeito da cidade de Campinas, o companheiro Hélio, com os meus ministros e com os empresários e, sobretudo, com o presidente da UNE, que está aqui. Eu não sei o que a UNE está fazendo aqui, mas a UNE está aqui, a União Nacional dos Estudantes está fazendo engenharia, veio aprender como é que faz casa antes de se formar. A alegria de abraçar cada companheiro e companheira que recebeu a sua casa.

Apenas dizer para vocês o seguinte: Campinas tem já aprovado, na Caixa Econômica Federal, 12 mil casas. Dessas 12 mil casas, dessas 12 mil casas, seis mil casas são até 3 salários mínimos e outras seis de 3 a 6 salários mínimos. E Campinas já mandou para Casa [Caixa], que está sendo estudado pela Caixa, mais 16 mil casas de zero a seis.

Ora, isso significa o quê? Isso significa que nós entramos em um processo em que construir casas está ficando cada vez mais fácil. E nós estamos, cada vez mais, adaptando as condições de financiamento e de pagamento à realidade das pessoas que precisam de mais casas no Brasil, que são as pessoas que ganham menos, neste país. Quem ganhar 10 salários mínimos, 15 salários mínimos, pode escolher o bairro para morar, pode escolher o apartamento para comprar. Quem ganha de zero a três, quem ganha de zero a três são pessoas que não podem comprar um apartamento no centro de Campinas. Mas é preciso que a gente dê, para essas pessoas, a



dignidade nos bairros, para que elas possam morar decentemente e não levar as pessoas para bem distante do centro da cidade, como se a gente estivesse escondendo as pessoas.

Essas casas aqui, vocês viram, são casas de, em média, 60 metros quadrados, 59, 63, casas bem acabadas, com azulejo, tudo direitinho, com lajota. Ou seja, a pessoa vai pagar... O Agnaldo, que eu fui ver ali, ganha R\$ 1.400,00, vai pagar R\$ 300,00 por mês. O Mário, que eu não perguntei quanto ganha, porque parece que ganha um pouquinho mais, pegou uma casa um pouco maior, vai pagar R\$ 359,00 por mês.

Então, vocês percebem que é possível a gente construir casas a um preço mais barato, com o governo subsidiando uma parte do valor da casa e permitir que as pessoas mais pobres vivam com dignidade. Porque neste país se criou uma cultura de que pobre não tem gosto. Até que, em 1978, o Joãozinho Trinta, para defender o luxo da Beija-Flor, que tinha sido campeã do Carnaval de [19]77, se não me falha a memória, disse categoricamente: “Quem gosta de miséria é intelectual. Pobre gosta de luxo, de coisa bonita, de coisa bem feita”.

Bem, obviamente, obviamente que a maioria dos intelectuais também gosta de coisa boa. Afinal de contas, o cara não estudou para ser bobo, o cara estudou para ser mais sabido. Então, logicamente que ele quer também casa boa.

Mas, vocês estão vendo ali, é importante que a imprensa possa tirar fotografia, ao invés de fotografar a minha cara, que eu já estou manjado, vocês fotografarem aquele prédio lá. Aqueles prédios, é o seguinte: aqueles prédios têm 150... aqueles apartamentos são para pessoas que ganham de zero a três salários mínimos. Vai ser entregue em fevereiro. São 150 apartamentos. Ali vai ser um condomínio chique, ou seja, para as pessoas que moram [ganham] até três. E aquelas casas serão entregues em fevereiro. Eu estou fazendo... Não, as casas em fevereiro... Não, os apartamentos em fevereiro e as casas em



maio. Eu não estarei mais presidente, mas eu espero que o Hélio me convide para vir aqui participar da inauguração. Certamente, certamente já teremos novas pessoas governando o país, mas eu posso dar uma “bicadinha” aí e ser convidado. Bem, as casas serão entregues em maio, serão 750 casas e serão 150 apartamentos entregues em fevereiro. Tudo nessa qualidade que vocês estão vendo aqui.

E eu queria, antes de continuar a minha fala, Hélio, que você explicasse uma coisa para mim: eu estou vendo aqui “Estação Móvel de Tratamento de Esgoto”, o que é isso? Pode me explicar?

Prefeito de Campinas: Gente, para que nós pudéssemos viabilizar, com a rapidez que o presidente Lula queria entregar as casas Minha Casa, Minha Vida, nós estabelecemos um projeto de estação móvel de tratamento de esgoto. Essa estação móvel de tratamento de esgoto fez com que o Ministério Público aceitasse, e nós tivéssemos a aprovação das Secretarias de Meio Ambiente para poder entregar as casas para as pessoas morarem. Vou aguardar até que tenhamos o emissário do Capivari, da Estação de Tratamento do Capivari 2, que aqui está próximo, quando concluir o emissário, que eu creio que até o ano que vem deve estar concluído, essa estação móvel de tratamento de esgoto vai para outra região, para poder entregar mais casas Minha Casa, Minha Vida.

Presidente: Bem, só vai sair daqui, só vai sair daqui quando vier o emissário, para levar todo o esgoto para o Capivari 2, já está sendo construído. Porque essa é uma coisa, companheiros, é uma coisa, é uma coisa que era grave no Brasil, era a questão de tratamento de esgoto. Ou seja, todo mundo sabe, a gente vai ao banheiro, faz as necessidades da gente, dá descarga no banheiro e a gente não sabe para onde vai. É, a gente não sabe. Normalmente, normalmente, como a classe política brasileira, durante muito tempo, utilizava



um comportamento hipócrita, ou seja, as pessoas só queriam fazer ponte, porque numa ponte, ou num viaduto, você pode colocar o nome da mãe, o nome do pai, “Viaduto não sei das quantas”, porque aparecia em época eleitoral, dá visibilidade, tira fotografia. Agora, enterrar uma desgraçada de uma manilha, as pessoas entendiam que não dava voto. Ninguém vota em coisa que está enterrada. A ignorância era tanta, que um político valorizava mais uma ponte na fotografia do seu cartaz do que uma criança brincando descalça, numa rua sem esgoto, pisando no gramado, numa coisa limpa.

Então, o que nós, o que nós estamos fazendo é dando não meia dignidade. Quando, quando for escrever a história de Campinas, daqui a algum tempo, eu e esse companheiro aqui, mais esse aqui, mais essa gente aqui, nós vamos ser lembrados como o Prefeito de Campinas e o Presidente da República que conseguimos fazer com que 100% de Campinas tivesse tratamento de esgoto, coleta de esgoto, ou seja, e jogar a água nos rios limpa, limpa, para que a gente possa parar com essa vergonha de ver as pessoas morando em casa e o esgoto escorrendo na rua, na porta de casa. Isso acabou.

Por isso, Hélio, meus parabéns. Eu acho que, inclusive, queria fazer, aqui, um chamamento, um apelo aos nossos empresários. Eu acho que, daqui para frente, quando a gente for fazer casa, nós temos que lembrar aqui que tem que criar condições de a gente entregar a casa, se não estiver pronto, a gente tentar criar a estação móvel, para a gente mostrar que o povo brasileiro, no século XXI, aprendeu a gostar de respeito, aprendeu a gostar de coisa boa, aprendeu a ser tratado dignamente. Porque essa mania de dizer que povo pobre só vai à feira às 11 horas, para comprar a xepa, não é verdade, não é verdade. A gente quer comprar o que tem de melhor, a gente quer comprar o que tem de melhor, e a situação, hoje...

Eu, quando vi essa casa aqui, olha, eu queria dizer para vocês: eu, eu, a primeira casa que eu comprei, do BNH, foi em 1976, no Jardim Lavínia, lá em



São Bernardo do Campo. A minha casa tinha 33 metros quadrados, 33 metros, o quartinho era 3 X 2,80, Marisa entrava, eu tinha que sair; abria a porta do guarda-roupas, tinha que tirar a cama. Eu não vou mostrar as canelas para vocês, de tanta marca que tem, de eu bater no espelho da cama, para poder entrar, atravessar no meu ladinho, para deitar.

Então, eu sei o que é, eu sei o que é e o que foi a falta de respeito que se teve com esse povo, durante décadas, e décadas, e décadas em que as pessoas olhavam apenas para aqueles que não precisavam do Estado, e aqueles que precisavam iam sendo tangidos, cada vez mais para longe da cidade, cada vez mais para a periferia, e cada vez mais as pessoas iam sendo tangidos como se fosse gado. Acabou, acabou. E o povo pobre deste país está dizendo a todos nós: respeito é bom e eu gosto de receber e gosto de dar.

É por isso que a gente está melhorando as condições de criar essas casas, é por isso que a gente está dando mais dignidade, e é por isso que a gente fez o Programa Minha Casa, Minha Vida. O Programa Minha Casa, Minha Vida é um programa que começou em março do ano passado. Até a gente resolver todo o problema da burocracia, levou muito tempo. Foram dezenas e dezenas de reuniões até a gente tirar um monte de coisas que tinham que atrapalhavam, até a gente construir um programa.

Ou seja, lançamos um milhão, já tem 656 mil casas contratadas. Faltam 350 mil para chegar a 1 milhão. Já tem mais de 1 milhão na Caixa, para a gente contratar, e a gente, se Deus ajudar, até o dia 31 de dezembro, nós teremos 1 milhão de casas contratadas com as cidades brasileiras e com os estados.

Mas a gente não para por aí, porque nós já lançamos o Programa Minha Casa, Minha Vida número dois, que serão 2 milhões de casas a serem construídas a partir de 1º de janeiro do ano que vem. Ou seja, serão dois milhões de casas, porque nós aprendemos, os empresários aprenderam – e, aqui, eu queria chamar um empresário aqui, porque é importante a gente pegar



depoimento. A construção civil, a construção civil brasileira, vivia se arrastando. Tinha mês que vendia, tinha mês que não vendia; tinha ano que o governo contratava, tinha ano que não contratava. Depois do Minha Casa, Minha Vida, conta como é que ficou a situação dos empresários, aqui.

_____ : A HM vendia 120 casas por mês, antes do Minha Casa, Minha Vida, antes do dia 13 de abril. A partir do dia 13 de abril, passamos a vender 500 unidades. Por quê? Porque o juro, que era 8%, foi para 4; o seguro baixou; as prefeituras deram isenção de (incompreensível), de taxas, enfim, todos se envolveram.

Para nós, Presidente, que estou há 34 anos nesse ramo, em 34 anos sempre fiz o (incompreensível) de baixa renda, sempre tive uma média de 1.200 colaboradores. Pensei em ir embora do país, porque nós não tínhamos recursos. Hoje, eu sou grato e sou um admirador do senhor, porque foi a redenção da construção civil no país o Programa Minha Casa, Minha Vida. A gente tem, agora, um horizonte para trabalhar, podemos programar nossas empresas, sabendo que a gente vai ter recurso no médio e no longo prazo.

Presidente: Então, e, e uma coisa, uma coisa importante que está acontecendo no Brasil é que antes, antes o governo contratava uma obra e não tinha certeza se ia conseguir pagar. Então, o empresário começava a fazer uma obra, a coisa mais costumeira era a gente ver a obra ficar paralisada. Aí o empresário, não podia ficar com as máquinas paradas, tirava as máquinas, levava para outra obra, se tivesse obra, todos os empresários.... Aqui está o Luiz Nascimento, presidente da Camargo Correa. Todos os empresários brasileiros estavam trabalhando mais no exterior do que no Brasil. Eles estavam trabalhando na Argentina, no Peru, no Equador, na Colômbia, na Bolívia, no Chile, na África, e não estavam trabalhando no Brasil, porque desde o governo Geisel que não tinha investimento em infraestrutura neste país. E



nós resolvemos acabar com esse, com essa... esse ostracismo a que o nosso país tinha sido submetido, e hoje os empresários brasileiros estão construindo como jamais construíram na vida deles.

Ou seja, nós, nós estamos vendo os empregos crescerem na construção civil. Só... Eu vou terminar o mandato, a gente vai ter gerado, no Brasil, 15 milhões de empregos com carteira profissional assinada, coisa que nós ficamos praticamente 20 anos sem gerar muitos empregos neste país.

Portanto, gente, a alegria minha é muito grande, de vir aqui, nesse empreendimento. É muito grande, porque é um empreendimento planejado, as casas são de qualidade. E a gente percebe que é possível as pessoas que ganham menos ter uma casa de qualidade.

A Inês sabe, a minha companheira do Ministério das Cidades, o Marcio sabe, a Caixa Econômica sabe, os prefeitos sabem, os governadores sabem, o tanto que eu brigo para a gente melhorar a qualidade das casas, o tanto que eu brigo. Ou seja, não é possível que as pessoas não percebam que a gente quer uma casa direitinho. Outro dia me disseram: “Pobre não gosta de azulejo”. Ô gente, somente um imbecil é que pode imaginar que a gente não gosta de azulejo. Eu, eu quando reformei a minha casa, eu coloquei azulejo até no teto, assim, de tanto que eu gostava, e quanto mais colorido, melhor.

Então, eu quero, gente, dizer para vocês da minha alegria. Dizer ao Hélio que você tem mais dois anos de mandato, Hélio, Deus queira que você continue fazendo. Eu, se Deus quiser, serei convidado para inaugurar Capivari 2, porque eu quero bater um carimbo ali, de dizer: “Eu ajudei Campinas a ter 6% de tratamento de esgoto neste país”. Nós temos cidade, no país, nós temos cidade que é zero de tratamento de esgoto, zero. Você imagina fazer um investimento em um conjunto desses e você não colocar esgoto. O que vai acontecer daqui a três, quatro anos, quando estiver todo mundo morando aqui?

Então, gente, então eu quero dar os parabéns ao povo de Campinas, ao prefeito de Campinas, ao Ministério das Cidades, aos empresários e aos



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

moradores de Campinas, pela conquista extraordinária.

Um abraço, gente, e até daqui a pouco.

(\$211A)